



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

FATORES ASSOCIADOS À PRÁTICA DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Mariedna Santos de Jesus¹; Sinara de Lima Souza; Leilane Lacerda Anunciação³

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mariedna_santos@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sinarals@uefs.br
3. Participante do projeto “Diagnóstico da violência e estratégias de construção da paz nas escolas municipais de Feira de Santana-BA”, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: leilanelacerda@hotmail.com.br

PALAVRAS-CHAVE: violência; escola; adolescentes.

INTRODUÇÃO

A violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo e de difícil identificação, uma vez que integra dimensões afetivas, familiares e sociais da vida humana, produzindo múltiplos impactos sobre a saúde, exigindo a formulação de políticas específicas e organização de práticas e serviços para sua prevenção e tratamento. Desta forma, passa a ser considerada um problema de saúde pública (Malta *et al.* 2014).

Historicamente as sociedades são marcadas pela violência, variando em expressões e explicações, originadas não apenas de práticas de sujeitos históricos e figuras representativas, mas também perpassando a cultura das instituições políticas, sociais e educativas, fundamentando situações de conflito e agressões e, ao mesmo tempo, transformando o modo das relações interpessoais (Sanchez & Minayo, 2006); Nery *et al.* (2019).

Além das múltiplas modalidades de violência que podem ocorrer no ambiente escolar, variando conforme o contexto sociocultural em que estão inseridas há também variações na duração, motivações, espaço geográfico onde ocorrem, características e desfechos dos atos violentos e, neste cenário, diferentes sujeitos podem assumir diferentes posicionamentos (Nery *et al.* 2019).

Neste estudo, tivemos como objetivo geral analisar as características dos agressores de violência escolar. Os objetivos específicos foram: identificar os agressores de violência no contexto escolar, descrever como estes agressores se comportam na situação de violência e identificar fatores associados com a prática da violência na escola.

METODOLOGIA

Trata-se de um recorte do projeto permanente de pesquisa e extensão intitulado “Diagnóstico da violência e estratégias de construção da paz nas escolas municipais de Feira de Santana-BA”, o PROVESC, iniciado no ano de 2011, objetivando mapear a violência nas escolas públicas municipais e traçar estratégias de enfrentamento. Trabalhamos com o banco de dados oriundos da coleta realizada no ano de 2017.

Foi realizado um estudo com abordagem qualitativa, descritiva, exploratória, tendo como desenho a pesquisa-ação, na Escola Municipal Valdemira Alves de Brito, localizada na cidade de Feira de Santana – Bahia, no bairro Sítio Matias.

Participaram deste estudo, vinte e dois estudantes com idade entre 11 e 15 anos, destes, seis do sexo feminino e dezesseis do sexo masculino. Os critérios de inclusão estabelecidos foram estar na faixa etária de dez a dezesseis anos, serem estudantes matriculados na escola municipal escolhida, de qualquer sexo.

A seleção dos estudantes ocorreu após os momentos de observação sistemática e diálogos com os profissionais da direção, coordenação pedagógica e professores da escola. Priorizou-se aqueles com maior índice de envolvimento em situações de violência na escola; com maior número de encaminhamentos à diretoria da escola por mau comportamento em sala, ou por se envolverem em situações de indisciplina na escola, ou em situações de violência para com colegas e professores; ou que tivessem comportamentos agressivos repetitivos, que desejassem participar da pesquisa voluntariamente.

Dos vinte e dois estudantes entrevistados, doze se autodeclararam morenos, sete se autodeclararam negros, dois, pardos, e um não informou. Quatorze estudavam no turno matutino e sete no vespertino, um não informou o turno de estudo. Cursavam do segundo ao quinto ano. Apenas cinco alunos afirmaram exercer alguma atividade remunerada, os dezessete restantes afirmaram não exercer nenhuma atividade além de estudar.

Os pais/padrastos destes alunos têm entre vinte e seis e cinquenta e quatro anos e exercem em sua maioria trabalhos braçais e de manufatura, como ferreiro, Operador de máquinas, encanador, mecânico, pedreiro, ajudantes de caminhoneiro. Quanto às mães dos alunos, a idade variou entre vinte e oito e quarenta anos, e as profissões exercidas por estas foram donas de casa, cuidadora de idosos, babá, diaristas, cozinheira, manicures, agente de serviços gerais, feirante, ajudante de costureira. Diante dessas informações pudemos constatar que os adolescente são de classe baixa e, a maioria das famílias sobrevivem do mercado informal.

Esta realidade de subemprego caracteriza um cenário no qual ocorre violência estrutural. Desta forma, a escola e seus integrantes são, hoje, também vítimas de agressores externos, dos poderes constituídos, e da realidade socio-histórica onde ela está inserida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Violência, agressão, bullying, tortura, repressão, chantagem, entre outros, são termos utilizados quando se aborda o tema violência no cotidiano, inclusive na escola. O conceito de violência escolar tem sido caracterizado, por diferentes autores, como um

fenômeno complexo e multifacetado que abrange uma variedade de manifestações, desde comportamentos antissociais, delinquência, vandalismo e comportamentos de oposição (Vale & Costa, 1998).

Assim sendo, antes de desvelar as características dos agressores nas situações de violência escolar e como estes se comportam frente à violência, investigamos o que estes conceituavam como violência escolar.

Os estudantes demonstraram conhecimento prévio sobre o tema pesquisado, definições como bater, brigar, apelidar e xingar foram muito frequentes. Outras definições foram: gritar, desrespeitar a professora; jogar objetos no colega/professor (a); ameaças; provocações; agressões e bullying.

Charlot (2002) propõe que a violência escolar pode ser considerada sob diferentes perspectivas: a violência que acontece na escola, aquela feita à escola e a violência da escola. Em cada situação, diferentes estudos podem contribuir para se conhecer mais o problema e suas origens, que podem estar na família, na escola e na sociedade.

A violência na escola é produto de conceitos, preconceitos, práticas cotidianas, representações sociais inadequadas, problemas psicológicos e mesmo da própria ignorância e se manifesta na forma de vários tipos de agressões, incivilidade e desrespeito (Witter, 2010).

No que se refere à prática da violência, apenas um estudante afirmou nunca ter praticado violência escolar, os demais admitiram tal prática como reação à alguma provocação e/ou agressão física, destes, um pequeno número admitiu já ter provocado de uma situação de violência. Ou seja, os adolescentes participantes da pesquisa se reconheceram, em sua maioria, como vítimas e perpetradores da violência.

As reações mais frequentes foram murros, xingamentos, empurrões, agressões, brigas, puxões no cabelo, tapas, zombaria, discussões.

O ato violento se constitui em uma forma de resolução de um conflito, esta forma pressupõe o uso de força física ou psicológica, intencionando causar prejuízo ao outro, na expectativa de alcançar a resolução do conflito (Who, 2002). Duas categorias de agressores se destacam neste processo, os agressores reativos, que são aqueles que têm dificuldade de controlar seus impulsos e gerir suas emoções satisfatoriamente, e os agressores proativos que são aqueles com maior dificuldade no exercício da empatia (Nery *et al.* 2019). Pudemos observar pela atitude dos estudantes que estes são em sua maioria reativos. Falas como “[...] os meninos ficam pirraçando, quando você vê, já falou”, ou ainda, “Foi um instante, mas foi sem querer. Eu estava discutindo, veio outra pessoa e me bateu, eu pensei que foi uma menina e puxei o cabelo dela, mas não foi ela” corroboram com esta premissa.

Quando a confusão se instala...

O diálogo com a coordenação da escola e com o professor é a forma mais comum de resolução de conflitos. Punições também são aplicadas, como não poder sair da sala durante o intervalo para o lanche ou suspensões quando ocorrem repetidas situações com o mesmo estudante.

Nos casos mais graves, os pais dos agressores são convocados para dialogar com a coordenação pedagógica. Nestes casos, é muito comum que pais das vítimas também compareçam à escola buscando esclarecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência na escola é produto de diversos fatores e pode ser originária às desigualdades sociais e vulnerabilidades do espaço externo à escola, daí a importância de se considerar a influência do meio em que vivem meninos e meninas autores de violência. A imaturidade emocional própria da fase adolescente também é fator influenciador para a prática de atos violentos. Esta realidade aponta para a necessidade da adoção de estratégias visando minimizar a ocorrência destes. A escola deve ser um espaço de formação social e integração afetiva, assim, faz-se necessário desenvolver a formação destes adolescentes de forma holística, envolvendo diversos segmentos sociais e integrando a família na formação e adotando medidas que possam modificar também a realidade histórica destes adolescentes.

REFERÊNCIAS

- SANCHEZ, R. N.; MINAYO, M. C. S. 2006. Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde. In: Min. da Saúde (Org.) *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, pp. 29-38. Brasília.
- NERY, G.S. *et al.* 2019. (Re) Conhecendo os agressores. In: R.C CARVALHO; S.L. SOUZA; P.A.S. NETO (Org). *Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção*, pp. 179-195. Curitiba.
- VALE, D.; COSTA, M. 1998. **A violência nas escolas**. Lisboa. 66p.
- CHARLOT, B. 2002. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. 4(8): 432-443.
- WITTER, G. P. 2010. Ponto de vista: violência e escola. *Temas psicol*, 18(1): 11-15.
- WORLD H. O. 2002. World report on violence and health: violence: a universal challenge. Geneva. 54p.